

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE:
um diálogo com as professoras dos anos iniciais**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Mariani Guedes Santiago

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE:
um diálogo com as professoras dos anos iniciais**

Mariani Guedes Santiago

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Física**

Orientadora: Angelita Alice Jaeger

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de Pós-Graduação em Educação Física**

**A Comissão Examinadora, abaixo-assinada,
aprova a Monografia de Especialização**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE:
um diálogo com as professoras dos anos iniciais**

elaborada por
Mariani Guedes Santiago

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA:

Angelita Alice Jaeger, Dr^a.
(Orientadora)

Elizara Carolina Marin, Dr^a. (UFSM)

Mara Rubia Alves da Silva, Dr^a. (UFSM)

Aline de Souza Caramês, Esp^a. (UFSM)

Santa Maria, 29 de agosto de 2013.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Universidade Federal de Santa Maria

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: um diálogo com as professoras dos anos iniciais

AUTORA: MARIANI GUEDES SANTIAGO

ORIENTADORA: ANGELITA ALICE JAEGER

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 29 de agosto de 2013.

O presente trabalho buscou discutir os temas corpo, gênero, sexualidade e coeducação juntamente com as docentes dos anos iniciais de ensino de uma escola estadual de Santa Maria – RS. A pesquisa procurou saber qual o conhecimento das docentes acerca dos temas corpo, gênero, sexualidade e coeducação? E de que maneira é possível discutir essas temáticas de forma a contribuir na prática pedagógica das docentes com vista a um ensino coeducativo? A partir destes questionamentos o estudo objetivou problematizar as representações de corpo, gênero, sexualidade e coeducação nas aulas de educação física junto às docentes. Caracterizada como qualitativa, a presente investigação fez uso de um questionário semiestruturado e uma oficina como forma de obtenção dos dados que posteriormente foram analisados com base no referencial teórico adotado por nós. Para a realização das oficinas, primeiramente tomamos como base as respostas dos questionários, a partir de então, realizamos um encontro por mês para discussão dos temas, totalizando quatro encontros entre os meses de abril a julho de 2012. Os resultados apontam que a maioria das professoras demonstrou ter algum conhecimento acerca dos temas, mesmo que sua formação inicial não tenha oportunizado um aprofundamento capaz de garantir às docentes a segurança para abordar os temas com qualidade nas salas de aula. Contudo, destacamos a importância desses assuntos estarem presentes na educação básica, não de maneira isolada e esporádica, mas sim constituinte do currículo escolar.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Sexualidade. Coeducação. Professoras.

ABSTRACT

BODY, GENDER AND SEXUALITY: a dialogue with the teachers of the early years

The present study aimed to discuss the themes body, gender, sexuality and coeducation along with the teachers of early years education in a state school in Santa Maria - RS. The survey sought to ascertain the knowledge of teachers concerning the subjects body, gender, sexuality and coeducation? And how is it possible to discuss these issues in order to contribute to the pedagogical practice of teachers with a view to teaching coeducational? From these questions the study aimed to discuss the representations of body, gender, sexuality and coeducation in physical education classes with the teachers. Characterized as qualitative, this research has made use of a semi structured questionnaire and a workshop in order to obtain the data which were later analyzed based on the theoretical framework adopted by us. For the workshops, first we take based on the questionnaire responses, thereafter, conduct a meeting every month to discuss the issues, totaling four meetings between the months from April to July 2012. The results indicate that most teachers have demonstrated some knowledge about the issues, even if their initial training has not given opportunity for a deepening able to guarantee security for teachers to address issues with quality in classrooms. However, we emphasize the importance of these issues are present in the basic education, not so isolated and sporadic, but a constituent of the school curriculum.

Key words: Body. Gender. Sexuality. Coeducation. Teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
JUSTIFICATIVA.....	6
Objetivo Geral.....	7
Objetivos Específicos.....	7
1. REVISÃO DE LITERATURA	7
1.1 Representações de Corpo	7
1.2 Relações de Gênero.....	9
1.3 Sexualidade	10
1.4 Coeducação	11
2. METODOLOGIA	13
3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	15
3.1 Primeiro encontro: CORPO	15
3.2 Segundo encontro: SEXUALIDADE.....	21
3.3 Terceiro encontro: GÊNERO	26
3.4 Quarto encontro: COEDUCAÇÃO	29
3.5 Formação e Atuação Profissional.....	34
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
APÊNDICES.....	40
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

Corpo, gênero e sexualidade não são assuntos novos na educação básica brasileira. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em 1997, estabeleceram esses temas como transversais, isso significa que, em todas as disciplinas escolares, tais assuntos devem ser abordados juntamente à proposta de cada aula a ser desenvolvida.

A representação de corpo trabalhada na escola, nos anos iniciais do ensino fundamental, geralmente utiliza a perspectiva biológica para explicá-lo, sendo estudado e entendido como “cabeça, tronco e membros”. Já nos anos finais, se trabalha os órgãos e os sentidos (LUIZ FERNANDO CALAGE ALVARENGA; MARIA CLÁUDIA DAL IGNA¹, 2004).

Na educação física as diferenças biológicas são tomadas, muitas vezes, como justificativa para a realização ou não de determinadas atividades, devido a isso, geralmente, acaba ocorrendo a separação de meninas e meninos nas aulas. Dessa forma, a constituição cultural do corpo não é levada em consideração, de acordo com Silvana Goellner (2008b, p. 28) o corpo é “uma construção sobre qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos étnicos, etc”. A autora acrescenta que o vestuário, as modificações corporais, os sentimentos, e inúmeras possibilidades de intervenções também constituem o corpo.

Para Alvarenga e Dal Igna (2004, p. 67) “entender o corpo como uma produção cultural não nos parece uma proposição tranquila, na medida em que implica a problematização de todas as práticas corporais, inclusive aquelas que dizem respeito à sexualidade”. Nas escolas, o debate sobre sexualidade está, comumente, relacionado apenas ao ato sexual e à transmissão/prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, as discussões sobre identidades sexuais² não se encontram, na maioria das vezes, inseridas nas salas de aula. Jeffrey Weeks (2010, p. 38) esclarece que o corpo biológico é o local da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. O autor afirma que a sexualidade “tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico”, acrescentando a “importância de ver a sexualidade como um fenômeno social e histórico”.

¹ Escrever o nome por extenso das autoras e autores, quando este é inserido pela primeira vez no texto propriamente dito, contraria as normas de redação científica propostas pela ABNT. Assim como o uso da grafia @, essa é uma opção política, que visa tornar visíveis mulheres e homens a quem nos referimos ou nos quais nos apoiamos teoricamente. (Ver Dagmar Meyer e Rosângela Soares, 2004)

² Identidades sexuais são formas de viver a sexualidade, com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos e sem parcerias (Ver Guacira Lopes Louro, 2008).

Jimena Furlani (2008, p. 74), ao referir-se aos livros didáticos escolares, aponta para o uso dos termos aparelho ou sistema reprodutor, e sugere o emprego de aparelho ou sistema sexual, pois a palavra sexual proporciona uma maior abordagem de discussão sobre o tema, e possibilita uma “dimensão prazerosa, onde a procriação deve ser uma consequência e um direito de escolha”.

Em relação aos órgãos do corpo, podemos fazer uma grande discussão aos que se remetem à sexualidade. Além da reprodução e das necessidades fisiológicas, os órgãos sexuais, que anatomicamente distinguem um sexo do outro, também estão ligados às diferentes formas de prazer. Paula Regina Costa Ribeiro (2008) afirma que a sexualidade constrói-se ao longo da história, através das culturas, demonstrando então que não é fixa, e sim mutável e varia de pessoa para pessoa.

Tratando de construções sociais, temos o conceito de gênero que, segundo diversas autoras como Joan Scott (1995), Priscila Dorneles (2007), Eustáquia Sousa e Helena Altmann (1999), Silvana Goellner (2008a) refere-se à construção social do feminino e do masculino, isso significa que não é apenas o sexo biológico que estabelece diferenças entre mulheres e homens, mas também fatores históricos, sociais e culturais que se relacionam, construindo assim os sujeitos nas suas especificidades.

Os estudos de gênero, quando relacionados com a prática pedagógica, aproximam-se ao conceito de coeducação, onde é possível perceber uma prática de atividades realizada intencionalmente com meninas e meninos juntos. Maria Regina Ferreira da Costa e Rogério Goulart da Silva (2008, p. 9) afirmam que “para que haja equidade na educação dos sexos e entre os sexos, as aulas de Educação Física coeducativas devem ser mistas com ações intencionais que visem à dupla socialização com referentes masculinos e femininos na devida parcialidade”. Com isso, entendemos que o conceito de coeducação não se resume a uma aula mista, mas deve ter o propósito de desenvolver e socializar meninas e meninos de maneira igualitária.

Com base nisso, elaboramos duas questões de investigação: Qual o conhecimento das docentes acerca dos temas corpo, gênero, sexualidade e coeducação? De que maneira é possível discutir essas temáticas de forma a contribuir na prática pedagógica das docentes com vista a um ensino coeducativo?

JUSTIFICATIVA

Após realizar os estágios obrigatórios do curso de graduação em educação física, decidi unir, no trabalho de conclusão do curso (TCC), a vivência dos estágios, com os estudos de corpo, gênero e sexualidade, que foram desenvolvidos durante a graduação. Essa união resultou em uma pesquisa que teve como objetivo analisar a prática pedagógica d@s professor@s do ensino fundamental de uma escola estadual, localizada em um bairro da cidade de Santa Maria, acerca da divisão por sexo nas aulas de educação física, conhecendo e analisando como as relações de gênero são trabalhadas nessas aulas. Na conclusão da pesquisa apontei uma grande diferença do trabalho que as professoras dos anos iniciais realizavam em relação ao trabalho desenvolvido pel@s professor@s de educação física dos anos finais do ensino fundamental. Nos anos iniciais tanto a educação física como as demais atividades eram desenvolvidas pela maioria das professoras de forma mista, o contrário ocorria nos anos finais, onde a educação física era ministrada por um@ professor@ da área e est@, na maioria das vezes, trabalhava com meninas e meninos separados, e geralmente com atividades diferentes para cada sexo (MARIANI GUEDES SANTIAGO, 2011).

Os anos iniciais são os primeiros contatos das crianças com a escola, um convívio social diferente daquele que estão acostumadas em casa. É na escola que se constroem e desconstroem ideias, valores, preconceitos. Então, se nos anos iniciais as aulas são com a turma em conjunto, não há necessidade de qualquer tipo de separação no decorrer dos anos escolares.

Apesar das professoras dos anos iniciais realizarem as atividades práticas e teóricas com as turmas mistas, durante o desenvolvimento da pesquisa, outros pontos foram observados, como a dificuldade por parte dessas docentes em abordar os temas de corpo, gênero, sexualidade e coeducação na prática pedagógica diária. Devido a isso, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de oportunizar para as docentes a discussão dos temas corpo, gênero, sexualidade e coeducação, onde elas puderam, então, aprofundar seus conhecimentos possibilitando para @s alun@s, aulas que abordem diretamente essas temáticas, visando com isso a quebra de tabus que envolvem esses assuntos.

Com isso, surgiu a ideia de realizar uma oficina que oportunizasse às professoras dos anos iniciais do ensino fundamental discutir sobre esses temas, relacionando-os com as aulas de educação física.

Objetivo Geral

Problematizar as representações de corpo, gênero, sexualidade e coeducação nas aulas de educação física junto às docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola estadual de Santa Maria.

Objetivos Específicos

Conhecer e analisar o entendimento das docentes sobre as temáticas referentes a corpo, gênero, sexualidade e coeducação nas aulas de educação física.

Conhecer as carências teóricas das professoras em relação a esses temas, com o propósito de contribuir para uma melhor atuação dessas.

Tomar conhecimento sobre as dificuldades em abordar esses temas na atuação profissional, em especial, nas aulas de educação física.

Oportunizar às docentes oficinas teórico/práticas acerca dos temas de corpo, gênero, sexualidade e coeducação, a fim de discutir essas temáticas de forma a contribuir para a prática pedagógica dessas, visando um ensino coeducativo.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Representações de Corpo

Corpo, um assunto que à primeira vista parece ser simples, mas quando observado com um olhar mais atento é complexo, e a produção teórica, construída pela educação física, sobre o assunto não consegue chegar até as escolas na mesma velocidade com que é produzido. Antes de discutirmos a complexidade do “corpo”, Joanalira Corpes Magalhães (2008, p. 112) atenta para o conceito de representação que “na perspectiva dos Estudos Culturais – nas vertentes pós-estruturalistas – é entendida como um modo de produzir significados na cultura através da linguagem”.

Para iniciar o tema, destacamos Silvana Goellner, Márcia Luiza Machado Figueira e Angelita Alice Jaeger (2008, p.67), onde as autoras apontam que

Corpo não é apenas um dado material de ação da natureza. O corpo é um território de ação da natureza e da cultura, ou melhor, é produto da intrínseca relação que se estabelece entre diferentes marcas, em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.

Assim como Goellner et al. (2008), Meyer e Soares (2004, p. 8) destacam o corpo como sendo uma construção do “cruzamento entre o que aprendemos a definir como natureza (ou biologia) e como cultura”. Desse modo, percebemos que a influência cultural é tão importante quanto o aspecto biológico, onde este é ressaltado, na maioria das vezes, como sendo o foco para as construções sociais de corpo em diversas áreas do conhecimento, uma delas a educação física.

Silvane Fensterseifer Isse (2011, p. 234) afirma que “ensinar apenas a respeito do corpo biológico é muito pouco diante de tantos significados culturais que nele se inscrevem”. De certa forma, pode-se perceber uma carência por parte da instituição escolar em relação ao trabalho desenvolvido em torno do corpo, onde disciplinas como biologia e ciências ensinam sobre as partes, sistemas e funções orgânicas do corpo, deixando de lado as construções sociais e culturais que também o constituem.

Se tratando de escola, a educação física, muitas vezes, é vista como uma disciplina que trabalha apenas com o movimento, sem levar em consideração a construção cultural de cada indivíduo. A construção histórica desta área, voltada geralmente à esportivização da disciplina, fez com que o corpo não necessitasse ser pensado e sim, apenas exercitado. Nesse contexto, o físico passou a ser exaltado e os fatores biológicos tornaram-se o foco de todas as ações do corpo. Isso proporcionou uma maior visibilidade aos homens, por possuírem maior massa muscular quando comparado às mulheres, o que lhes deu o direito de praticar esportes que exigissem maior esforço muscular. E, quanto às mulheres, predestinadas à maternidade, essas tiveram que demonstrar de diversas formas que também eram capazes de realizar qualquer atividade que exigisse esforço, e que estas não lhes causariam dano.

Com o passar o tempo e a tomada de poder pelas mulheres, conquistando cada vez mais espaço no meio público, a prática de esportes também é uma área em que as mulheres estão cada vez em maior número. Assim, é possível visualizarmos as transformações culturais da sociedade que também perpassam pelos nossos corpos. Considerando a flexibilidade da cultura, entendemos os corpos como também construídos por ela.

1.2 Relações de Gênero

É comum ouvirmos falar em gênero reportando-se ao feminino e ao masculino. Se estivermos falando das construções sociais referentes aos sexos feminino e masculino, o emprego da palavra gênero está correto, porém, se o termo apenas estiver fazendo menção ao sexo biológico, então é caracterizado como um dos equívocos apresentados por Goellner (2008a), onde o gênero é usado como sinônimo de sexo. Nessa perspectiva, privilegiam-se apenas os aspectos biológicos, sem considerar as construções históricas, sociais e culturais de cada sujeito.

Louro (2002, p.15) alerta para o uso do termo gênero, apontando que ao utilizá-lo “passa-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituem e são constituídos, em meio a relações sociais de poder”. Linda Nicholson (2000, p. 9) ao conceituar gênero, afirma que

De um lado, o gênero foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a sexo, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. Aqui, gênero é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo; gênero e sexo são, portanto, compreendidos como distintos. De outro lado, gênero tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos femininos de corpos masculinos.

Tais construções de gênero que determinam aos corpos atributos femininos ou masculinos implicam na sexualidade dos sujeitos, na medida em que se estabelece uma relação linear entre gênero e sexualidade, onde a heterossexualidade é determinada como padrão normativo. Sousa e Altmann (1999, p. 55) destacam que o sistema escolar reforça e reproduz esse pensamento sobre a sexualidade socialmente construída. As autoras apontam também que, mesmo assim, “as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não é o oposto nem o complemento do masculino”.

Judit Vidiella et al. (2010, p.98) citam Erik Pescador, onde este destaca que “el sistema educativo es un agente socializador que instituye y sustenta ideologías y concepciones en torno a los roles de los géneros”. Essas ideologias e concepções acerca dos papéis de gênero também permeiam as aulas de educação física, muitas vezes excluindo meninas e meninos de práticas consideradas ‘inapropriadas’ para elas ou para eles. Mauro Louzada de Jesus e Fabiano Pries Devide (2006, p.125) destacaram que “a emergência da temática de gênero na Educação Física foi relevante para se tomar ciência dos mecanismos de inclusão e exclusão atravessados pelas questões de gênero, auxiliando a sua intervenção”.

Marlon Messias Santana Cruz e Fernanda Caroline Cerqueira Palmeira (2009), ao mencionarem as construções de gênero no ambiente escolar, destacam que a escola e a família são as principais instituições responsáveis por criar e reafirmar conceitos equivocados sobre as questões de gênero. Isso nos mostra o quanto é necessário a inserção dessa e de outras temáticas não apenas na escola, mas sim em todos os níveis de ensino, a fim de discutir assuntos que permeiam toda a sociedade.

1.3 Sexualidade

O debate sobre sexualidade, quando presente na escola, geralmente é enquadrado dentro de uma perspectiva biológica, sem levar em consideração as construções históricas, sociais e culturais, que também constituem a sexualidade. A dificuldade muitas vezes encontrada para se abordar essa temática no ambiente escolar reside na ideia errônea de que sexualidade não é assunto para crianças e adolescentes. Nesse sentido, Ribeiro (2008, p. 125) afirma que

Falar de sexualidade nem sempre é fácil, geralmente acabamos falando sobre atos sexuais, funções do corpo humano, métodos anticoncepcionais, prevenção de doenças... Falar da sexualidade não como uma questão pessoal e privada, mas como uma produção histórica, uma questão social e política, na qual se exercem relações de poder.

A autora destaca a dificuldade em abordar o tema sexualidade, onde frequentemente essa temática acaba sendo norteadada para o lado do privado, e a escola, como instituição de produção do conhecimento, acaba reproduzindo a discussão da sexualidade como sendo algo íntimo de cada pessoa. Nesse sentido, Louro (2011, p. 81) argumenta que

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais — nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve.

Louro (2008) ressalta que existem muitas formas de viver os gêneros e as sexualidades, e que a instituição escolar assume a obrigação de nortear um padrão, um modo tido como adequado de masculinidade e de feminilidade e uma forma considerada normal de sexualidade, a heterossexualidade, entretanto, @s que fogem a essas regras que abarcam a

sexualidade tornam-se excêntricos, pelo fato de não estarem no centro, dentro dos padrões sociais esperados de normatividade.

Para Benícia Oliveira da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro (2011, p. 524) “as práticas escolares passam a falar sobre sexualidade a partir de discursos médicos e biologicistas, no intuito de regular a forma como os indivíduos e a população devem viver suas sexualidades”. Alvarenga e Dal Igna (2004) destacam que quando a sexualidade é vinculada à reprodução, não são apenas as práticas e desejos corporais que são silenciadas, mas está se estabelecendo uma relação de exclusão das outras práticas e dos desejos sexuais, que não podem ser classificados em apenas heterossexual.

Uma das finalidades da instituição escolar é formar sujeitos críticos em relação ao mundo, no entanto, Silva e Ribeiro (2011) apontam os processos curriculares atualmente elaborados por autor@s, professor@s e profissionais formad@s a partir de um modelo tradicional de educação, no qual se tem como objetivo a transmissão e a reprodução de conteúdos, onde a hegemonia de certas culturas, como a cor branca, a religião católica, a heterossexualidade, são algumas dessas reproduções do meio escolar.

A prática esportiva escolar é um dos principais espaços de afirmação das sexualidades, onde os meninos devem obrigatoriamente realizar a prática do futebol, e se algum deles preferir outro esporte, como o voleibol, sua sexualidade é posta em questão. Com as meninas, o que ocorre é muito semelhante, essas devem realizar atividades que exijam menos esforços, e a que optar pela prática do futebol é vista com um grande potencial a ser homossexual. Sousa e Altmann (1999, p. 58) citam Elisabeth Badinter (1993), onde esta destaca que “os esportes que envolvem a competição, a agressão e a violência são considerados como a melhor iniciação à virilidade”, a autora completa afirmando que esse é um espaço onde o menino deve mostrar que não é homossexual e sim ‘homem de verdade’.

Devido a esses e aos demais estereótipos de feminilidade e masculinidade com relação à prática esportiva, o gênero também encontra-se em discussão, encaixando-se perfeitamente com a coeducação, onde a prática esportiva e das demais atividades não apenas das aulas de educação física, mas de todas as disciplinas do currículo escolar, devem ser realizadas com meninas e meninos em conjunto, de maneira que tod@s tenham a oportunidade de experimentar todas as vivências corporais.

1.4 Coeducação

A separação de meninas e meninos nas aulas de educação física, por muito tempo esteve fundamentada em uma visão biologicista, onde se acreditava que os homens eram, por natureza, mais fortes que as mulheres. Maria do Carmo Saraiva (2005) destaca que ainda hoje existe dificuldade de se encontrar a prática coeducativa em aulas de educação física, o que ocorre tanto por resistência d@s professor@s como d@s alun@s, tanto na rede pública como na rede privada de ensino. Tal dificuldade mostra-se mais visível quando nos deparamos com um@ alun@ mais apto à prática de atividades e alun@s com as capacidades físicas menos desenvolvidas, sendo que, geralmente, essas diferenças estão relacionadas ao sexo, onde os meninos apresentam melhor desempenho físico em relação às meninas.

Nesse ponto, Jocimar Daolio (1995, p. 104) afirma que “parece haver em nossa sociedade um processo de ‘antialização’ das meninas, da mesma forma que parece haver um processo que transforma os meninos em ‘trogloditas’”, onde os meninos, muitas vezes incentivados pela família e professor@s, apresentam melhor desempenho físico e motor quando comparados às meninas, que apresentam baixo desempenho por não serem incentivadas em diversas atividades.

Jesus e Deive (2006) apontam que as discussões sobre educação física escolar na interface com a coeducação tiveram início no Brasil na década de 1990. Isso demonstra que o debate acerca da realização das aulas de educação física em conjunto, não separando meninas e meninos, não é tão recente, porém, essa prática ainda persiste em muitas escolas nos mais variados níveis de ensino.

Saraiva (2005, p. 180-181) chama a atenção para a função d@ professor@ como parte fundamental para a coeducação, onde est@ deve tratar meninas e meninos de igual forma, e “fazer as mesmas exigências, para ambos os sexos, respeitando diferenças individuais dentro dos dois sexos.” A autora acrescenta que “a aula de Educação Física em separado para meninas e meninos deveria ser evitada, porque somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos” (SARAIVA, 2005, p. 182). Do mesmo modo, Costa e Silva (2002, p.48) evidenciam que

A coeducação considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que escola mista não possui o mesmo significado da escola coeducativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da coeducação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo.

A partir desses apontamentos, podemos entender a importância em dar visibilidade aos temas de corpo, gênero, sexualidade e coeducação que permeiam a instituição escolar, em especial a educação física. Dessa forma, por meio deste trabalho tentaremos discutir algumas questões pertinentes à prática pedagógica de docentes dos anos iniciais do ensino fundamental.

2. METODOLOGIA

Este trabalho se desenvolveu de forma qualitativa, isso significa que o raciocínio toma como base principalmente a percepção e a compreensão humana (ROBERT STAKE, 2011). O autor acrescenta que não há um único pensamento qualitativo, mas sim inúmeros. Stake (2011) afirma que esta abordagem pode ser interpretativa, baseada em experiências, situacional e humanística.

A pesquisa teve como público alvo onze professoras unidocentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola estadual de um bairro de Santa Maria. No decorrer das atividades nem todas as docentes participaram de todas as oficinas. O trabalho foi desenvolvido na própria escola, sendo realizado um encontro por mês com o grupo de professoras, nos meses de abril, maio, junho e julho de 2012.

Primeiramente, foi utilizado na coleta de dados, um questionário semiestruturado, com questões abertas para saber qual o conhecimento das docentes em relação aos temas da pesquisa. A partir dessa coleta inicial de dados, foi elaborada uma oficina, onde as professoras puderam aprofundar os conhecimentos e discutir sobre os temas de corpo, gênero, sexualidade e coeducação que permeiam as aulas de educação física.

Como recurso metodológico, utilizamos um gravador para registrar os debates que constituíram os dados da pesquisa, e um datashow para visualizar imagens³ sobre cada tema. As imagens escolhidas tanto para a realização da oficina, como para as discussões do trabalho, tiveram o intuito de questionar padrões e normas sociais que designam comportamentos, que por meio de diferentes culturas são classificados como certos ou errados. Para Goellner (1999 p.22) “as imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem, mas pelo que em nós reverbera no momento em que somos chamados a observá-las. Pelo que já é por nós conhecido e pelo que, do universo imagético, já está incorporado em nós”. As imagens que foram utilizadas para a discussão de nosso trabalho foram escolhidas

³ Anexos

em decorrência do maior impacto causado durante as oficinas, ou pela naturalização representada pela mesma. E, devido a isso, nem todas as imagens discutidas com as docentes estiveram presente nos resultados da pesquisa.

Após o término das oficinas, as gravações foram transcritas de forma literal. Todos os recursos utilizados e produzidos durante a realização da pesquisa serviram como fonte para a mesma. Para que isso ocorresse, as participantes da oficina estavam cientes e de acordo, conforme o termo de consentimento⁴ assinado por elas.

A realização da oficina se deu uma vez por mês, com o debate de um tema por encontro, iniciando com o corpo, passando pela sexualidade, em seguida gênero, e finalizando com coeducação. A cada encontro foram discutidas as respostas obtidas no questionário⁵, fazendo referência ao tema abordado no dia, e possibilitando novos questionamentos no decorrer da discussão. Após essa conversa sobre o tema do dia, foi realizada a atividade com as imagens, onde as professoras analisaram e descreveram o que cada figura representava para elas.

Partindo do entendimento do que as docentes conheciam sobre as temáticas abordadas, o assunto corpo foi escolhido para abrir as discussões, pelo fato de o corpo biológico possuir maior facilidade para ser visualizado concretamente. A partir de então, problematizamos as questões que permeiam as construções socioculturais e históricas que também constituem os corpos.

Após o entendimento de que corpo não se refere apenas às funções biológicas, mas também se constrói socialmente, passamos para o segundo assunto da oficina, a sexualidade. A fim de contribuir com a construção do pensamento das docentes sobre a temática geral da do trabalho, preferimos abordar a sexualidade antes do gênero por acreditarmos que as professoras teriam maior facilidade em discutir inicialmente a sexualidade, visto que esta encontra-se ligada diretamente ao corpo. Devido a essa estreita ligação com o corpo, a sexualidade muitas vezes é abordada de maneira simplista, sendo resumida aos órgãos sexuais e, geralmente, trabalhada nas escolas apenas pelo viés biológico da prevenção de doenças e métodos contraceptivos. Esse primeiro entendimento acerca da sexualidade, de certo modo, a torna visível assim como o corpo.

Gênero foi o tema do terceiro encontro, trabalhado após abordarmos os assuntos de corpo e sexualidade como constructos históricos e sociais, pois assim acreditamos que seria uma forma mais didática para facilitar o entendimento de que gênero também é construído nas

⁴ Apêndice A

⁵ Apêndice B

e pelas sociedades, em tempos históricos e em diferentes culturas, bem como gênero também constrói e é construído pelos corpos e pelas sexualidades.

O tema que finalizou as oficinas foi coeducação. Não menos importante, este assunto ficou para o encerramento das discussões com o intuito de trazer a coeducação como um fechamento do trabalho, por se tratar de uma abordagem de ensino que pode e deve trabalhar os temas de corpo, gênero e sexualidade, não apenas nas aulas de educação física, mas em toda a grade curricular da educação básica, mostrando para as docentes que existem diversas maneiras de abordar essas temáticas na escola.

No final de cada encontro, lhes apresentamos uma atividade prática com a finalidade de relacionar o debate com a prática pedagógica, para possibilitar que essas discussões fossem levadas até as alunas e alunos. Findada a oficina e a coleta de dados, esse material serviu para responder os objetivos dessa pesquisa, sendo então, realizada a discussão e análise dos resultados.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados se deu na ordem em que os encontros ocorreram, iniciando com o corpo, passando para a sexualidade, em seguida o gênero, e finalizando com a coeducação. Primeiramente realizamos a análise dos questionários e, após, a das oficinas, relacionando as sínteses feitas ao final de cada encontro com as respostas do questionário.

Ao final da análise dos dados, abordamos a formação das docentes, indagando se os temas corpo, gênero, sexualidade e coeducação estiveram presentes, e se elas encontravam dificuldades em relacionar esses temas com os assuntos trabalhados no dia a dia durante as aulas.

3.1 Primeiro encontro: CORPO

Em diferentes tempos históricos, diferentes formatos corporais foram os mais valorizados. Na Grécia antiga, por exemplo, os corpos belos eram os corpos com músculos bem delineados, já no renascimento, eram consideradas belas as mulheres corpulentas, hoje vistas acima do peso. No Brasil, Malu Fontes (2007) aponta que, a partir da década de 80, aumentar os seios através de implantes de próteses de silicone tornou-se sinônimo de beleza e sensualidade feminina.

Outras mudanças históricas e culturais, não apenas as estéticas, mostram que o corpo é uma construção, onde os tempos históricos, as sociedades, as culturas, inscrevem suas marcas (MAGALHÃES, 2008; GOELLNER et al., 2008; MEYER; SOARES, 2004). A partir dessas marcas inscritas nos corpos, podemos observar as diferentes possibilidades que estes possuem de moldarem-se nos mais variados tempos e espaços.

Para iniciar, analisaremos as respostas do questionário referentes à pergunta sobre o entendimento das professoras acerca do tema corpo, para após, realizarmos a análise do debate na oficina.

De acordo com a professora 6⁶ “*o corpo pode-se referir ao ser humano (braço, perna, mão, cabeça...) ou para o entretenimento como títulos de livros, companhia de dança, academias, filmes. Ainda pode ser a estrutura do nosso corpo*”. A professora 2 foi mais sintética, e resumiu como “*o conjunto de várias partes que compõe o ser humano*”. Ambas as docentes fizeram a relação entre o corpo e a biologia, entretanto, a professora 6 destacou os seus outros entendimentos em relação a palavra corpo. Alvarenga e Dal Igna (2004) apontam que se entendemos o corpo apenas pelo aspecto biológico, estamos aceitando-o como algo fixo, imutável e universal, entretanto, desconstruir essa visão reduzida sobre o entendimento do tema foi nosso propósito com a oficina, entendendo o corpo como algo não fixo, mutável e não universal.

Para a professora 1, corpo “*entende-se como algo que sente, pensa e age, ou seja, não se restringe somente ao corpo físico, mas às possibilidades que tem de “sentir” emocionalmente*”. A resposta da docente vai ao encontro do nosso pensamento acerca das construções do corpo, sendo este não pensado apenas a partir do viés biológico, mas considerando também as relações que os corpos estabelecem consigo e com o mundo. Pensando nesses outros fatores que também constituem o corpo, a professora 5 destacou que este “*refere-se ao “todo” do sujeito não só físico, mas intelectual e as relações que ele estabelece consigo mesmo, e com os outros e com os objetos*”. Foi possível perceber que nas respostas de ambas as professoras a associação do conceito de corpo não está intrinsecamente ligada à biologia, leva em consideração esta e também a peculiaridade dos sujeitos.

A professora 3 definiu o corpo como “*totalidade*”, e a professora 8 seguiu na mesma linha de pensamento, porém, sua resposta foi um pouco mais detalhada, apontando para a “*totalidade complexa, que precisa sempre ter suas capacidades e potencialidades aperfeiçoadas e, antes, aprendidas*”. Conforme a professora 11, corpo “*é o que te movimenta,*

⁶ Serão utilizados números para cada uma das professoras ao invés dos nomes, como forma de não identifica-las.

que te faz viver, trabalhar”. Em diferentes culturas, as capacidades e potencialidades do corpo são aprendidas de diferentes formas, as quais são influenciadas e influenciam também a maneira de viver e trabalhar. Assim, o corpo é o suporte de nossas atividades, sendo construído em meio às relações estabelecidas no decorrer da vida.

Entretanto, a professora 4 pensou a palavra corpo de outro modo, destacando que *“entendo corpo como o grupo de envolvidos na escola: Educadores, nós professores, funcionários comprometidos com o ato de educar (chamamos CORPO DOCENTE) e Educandos, nossos alunos (CORPO DISCENTE)”*. A professora, para realizar a sua definição do tema, seguiu por uma linha de pensamento diferenciada das demais docentes, esta fez uma relação direta com a constituição do ambiente social escolar, mostrando assim, a pluralidade de pensamentos e entendimentos que fazem parte da construção das palavras.

De acordo com @s autor@s que tomamos como base para o nosso entendimento de corpo, compreendemos este, como uma construção histórica, social e cultural, a partir do biológico, esclarecendo assim, que as ciências exatas andam de mãos dadas com as ciências humanas. Então, com base nessas argumentações elaboramos a oficina para a abordagem dessa temática, onde fizemos uso de algumas imagens de corpos que serviram para acionar, estimular, desacomodar as representações que despontavam no decorrer da discussão do tema. As professoras, ao analisarem e descreverem as imagens, não se estenderam em seus relatos, registrando em poucas palavras a impressão que cada uma lhes causava.

A primeira imagem apresentada às professoras foi a das mulheres praticantes de fisiculturismo, esporte este que privilegia a potencialização muscular, e que é visto como pertencente a um universo masculino. Esta imagem foi escolhida por mostrar outra possibilidade de corpo de mulheres, que difere do que é comumente representado como um corpo feminino ideal, aproximando-se do que é



esperado para um corpo de homem. A potencialização muscular das mulheres causa um estranhamento, pois as distancia dos padrões hegemônicos de feminilidade.



A próxima imagem mostrada foi a de um homem praticante dessa mesma modalidade esportiva. Apesar de a potencialização muscular ser considerada comum para o corpo dos homens, onde muitas vezes visa reafirmar uma masculinidade hegemônica, o excesso dessa

potencialização também pode causar certo estranhamento, pois foge dos padrões considerados como normais, tornando-se, como destaca Louro (2008), um corpo excêntrico, ou seja, estranho, diferente, por estar fora de um centro considerado legítimo.

Assim como a imagem das mulheres, o corpo do homem apresentado também causou desconforto ao olhar das docentes, como destacou a professora 2, que descreveu a primeira imagem como “mulheres com físico de homem” e, em relação à segunda, “um homem ridículo, bombado”. Já a professora 3, sobre as mulheres, declarou ser “ridículo”, enquanto o homem, “monstruoso”.

Com base nas afirmações das professoras 2 e 3, pode-se notar que as construções de corpo limitam-se ao socialmente estabelecido, onde, de acordo com Fontes (2007), o corpo canônico⁷, visto do ponto de algumas culturas, por exemplo, nunca será o corpo “adulterado pelo uso de substâncias químicas capazes de redefinir e inflar a musculatura” (FONTES, 2007. p, 74). O pensamento das docentes converge para esse ponto, de não ultrapassar os limites do que é socialmente esperado para mulheres e homens.

Corpos que fogem às padronizações são vistos com estranhamento, pois destoam de uma maioria, sendo assim, nas palavras das professoras, definidos como, ridículos, monstruosos. Outro ponto que pode ser destacado é a prática da musculação como um espaço socialmente construído para homens, Angelita Alice Jaeger (2007) destaca que “o investimento na potencialização muscular constitui o mundo masculino”, a autora, ao longo do texto, desconstrói essa afirmação trazendo a história da potencialização muscular feminina, ruindo assim, a ideia que se tinha sobre um ‘mundo masculino’.

Miriam Adelman (2003) afirma não existir mais barreiras legais em relação a participação das mulheres em determinados esportes, sendo alguns representados como mais “masculinos, mais femininos ou mais unissex”, com isso entendemos que não existe um universo para um ou outro sexo, apesar de algumas modalidades ainda possuírem rótulos, tanto as mulheres como os homens estão inserid@s nas mais variadas modalidades esportivas.

Durante a discussões das imagens, a professora 9 apontou sobre a imagem das mulheres que “elas buscam a perfeição, nessa fase aí, e acabam, ao meu ver, se deformando, eu coloquei deformação em busca da perfeição”. A professora 7 contou que seu filho é praticante de fisiculturismo, e que o rigor com a alimentação é imprescindível para um bom desenvolvimento corporal. Sobre a imagens dos homens, a professora 9 relatou conhecer um homem que, quando criança, era gordinho e apanhava na escola, após crescer resolveu malhar

⁷ Corpo canônico é o “corpo tido e apresentado como desejável nos meios de comunicação de massa” (FONTES, 2007. p, 74).

e passou a tomar anabolizantes para aumentar a massa muscular. A partir desses apontamentos, podemos perceber a existência de diferentes motivos que levam as pessoas a buscarem um ou outro padrão corporal, o qual pode ser alcançado de diversas maneiras.

Outra imagem foi a do modelo bósnio, Andrej Pejic que desfila nas passarelas mundiais com figurino tanto feminino como masculino. A intenção de levar essa imagem para ser discutida com as professoras, foi no sentido de visualizar as diversas formas que os corpos podem assumir em diferentes lugares. No caso do modelo, ele utiliza da ambiguidade que seu corpo provoca, como forma de aumentar as possibilidades de fazer diferentes trabalhos no mundo das passarelas.



Com relação a essa dubiedade que o modelo provoca, três das nove professoras presentes, ao verem a imagem, pensaram que fossem pessoas diferentes, sendo, na esquerda uma mulher, e na direita um homem de cabelos longos. A professora 1, descreveu a imagem como “mulher *bonita x homem bonito*”. A professora 6 definiu como “*uma mulher loira de cabelo preso e um homem com cabelo comprido*”. A professora 7 escreveu “*imagem 1 sensualidade, imagem 2 confusão*”. Durante a apresentação do que cada docente havia pensado e escrito sobre a imagem, a professora 1 afirmou que “*eu olhei a primeira vez e eu coloquei exatamente o que eu olhei*”. As demais professoras pouco se pronunciaram durante o debate, porém as que escreveram sobre a figura destacaram que representava “*seriedade*” conforme a professora 4, e “*simetria, perfeição*” para a professora 9. A professora 2 definiu como “*um modelo loiro com rosto feminino*”, e para a professora 3, a figura remetia a “*dualidade*”.

A dualidade mulher/homem mostrou-se presente na análise das docentes com relação a essa imagem, sendo de fácil percepção a maneira como as padronizações marcam corpos como femininos ou masculinos. Historicamente o corpo foi conceituado como sendo apenas representado por fatores biológicos, dificultando notar que as diferenças existentes na construção dos corpos femininos e masculinos ultrapassam a barreira biológica. Goellner (2008b), afirma que além do biológico, o corpo é construído dentro de uma sociedade, onde esta possui sua cultura que se desenvolve ao longo dos tempos. Pelo fato dos primeiros conceitos de corpo surgirem pelo viés biologicista, locais como a escola, enquadram as crianças em sexo feminino ou sexo masculino para realizar algumas atividades, como o ato de fazer fila, ou realizar aulas de educação física com conteúdos distintos entre os sexos.

Devido a esses enquadramentos estabelecidos para um ou outro sexo, as aparências físicas das pessoas são julgadas dentro de padrões sociais e culturais designados para o feminino ou para o masculino. Na imagem do modelo Andrej Pejic, cabelos longos, rosto delicado, maquiagem e acessórios considerados femininos são fatores que podem provocar certa confusão ao tentar definir o modelo como um corpo feminino ou masculino, devido à naturalização de padrões estabelecidos para enquadrar as pessoas em um ou outro corpo. Nesse sentido Daniela Finco (2003, p.95) ao mencionar sobre as expectativas construídas para um ou outro sexo, afirma que “são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro”, e isso foi possível perceber na análise realizada pelas professoras acerca da imagem, o que acarreta na padronização e, muitas vezes, na separação de atividades, jogos e brincadeiras determinados pel@s professor@s para as alunas ou alunos.

A nossa intenção em levar essas imagens para serem discutidas com as professoras teve o intuito de relacioná-las com as construções e os padrões sociais dos corpos, entretanto, a análise das docentes pendeu para um caminho direcionado para as relações de gênero. Quando as professoras mencionaram, por exemplo, que as mulheres tinham físico de homem, e destacaram sobre a dubiedade causada pelo modelo Andrej, esses comentários podem ser vistos dentro dos estudos de gênero, onde Scott (1995) afirma que o gênero é a construção social do sexo. E com relação à análise dessas imagens, as construções sociais esperadas sobre o que é feminino e o que é masculino fizeram-se presentes nas falas das docentes.

Com relação ao corpo e à escola, Márcia Figueira e Angelita Jaeger (2005 p. 138) afirmam que este é “o lugar do debate, da discussão, não importa a área de conhecimento”. As autoras acrescentam que é necessário quebrar o bloqueio, ultrapassar fronteiras, para que as discussões sobre o corpo tomem maiores proporções, tendo assim mais visibilidade em diferentes áreas do conhecimento.

Como forma de conclusão dessa oficina, solicitamos que as docentes realizassem uma breve síntese do que havia ficado entendido acerca das discussões sobre corpo. Assim foi possível relacionar as respostas do questionário com as sínteses elaboradas ao fim de cada encontro.

Na maioria dos apontamentos realizados pelas docentes, não foi percebido mudanças radicais de posicionamento. Cabe destacar as professoras 4 e 6, que no questionário haviam conceituado o corpo de maneira diferenciada das demais professoras e, ao término do debate, estas e as demais docentes sintetizaram a oficina relacionando o tema como não sendo pensado apenas a partir do biológico, mas também considerando a cultura, a sociedade, e as relações que também o constitui.

Isse (2011, p. 228) afirma que a escola “fala do corpo ideal, quando deveria falar do corpo real”, a autora aponta para os corpos que circulam pelos espaços escolares, que não são perfeitos, e sim, geralmente, desregrados. Em relação às palavras da autora, entendemos que essa temática ao ser abordada na escola, frequentemente, é sob a ótica biológica, da saúde e da estética, onde são expostos os corpos a partir da fisiologia, do bem estar e da beleza. Os corpos reais, destacados pela autora, são os corpos d@s alun@s, os ‘desregrados’, em alguns casos os com sobrepeso ou abaixo do peso, os com deficiências física, visual, psicológica. Pensar o corpo de um modo diferente pode ser inconveniente pelo fato de dar visibilidade ao que não deve ser o centro, pois mostrar o diferente requer abordar uma gama de assuntos que o conforto conquistado ao passar dos tempos não pretende permitir.

Como forma de contribuição para as professoras, ao final da oficina indicamos uma atividade⁸ que elas poderiam realizar com @s alun@s para discutir o tema. Durante o debate perguntamos se elas realizariam discussões sobre esse assunto utilizando, por exemplo, a atividade que realizamos fazendo uso das imagens. Uma das professoras afirmou que até poderia trabalhar a temática de corpo com alguma turma dos anos mais avançados, outra docente sugeriu a troca das imagens, dependendo do direcionamento da aula, a qual poderia ser relacionada ao respeito. Com isso, fica evidente a marginalidade dos corpos na escola, principalmente nas aulas de educação física, que trabalha diretamente com os corpos e seus movimentos, onde esses, embora centrais, não são colocados em debate, não se busca discutir e compreender esses corpos que constituem e são constituídos na e pela cultura.

3.2 Segundo encontro: SEXUALIDADE

A sexualidade, frequentemente um assunto repleto de tabus e preconceitos, encontra barreiras até mesmo para estar presente nos assuntos familiares, quiçá, nas salas de aula dos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse sentido, Ribeiro (2008), Louro (2011), Silva e Ribeiro (2011), destacam a dificuldade de desvincular esse assunto da visão biológica que se tem sobre ele. Nota-se então, a variedade de obstáculos em compreender a sexualidade como também sendo uma construção social, que difere de cultura para cultura e de tempos em tempos.

Inicialmente, analisaremos de que forma deram-se as respostas do questionário, para então, realizarmos a análise da oficina. A questão referente ao tema sexualidade teve como

⁸ Raquel Quadrado, et al., 2008.

objetivo saber o que as docentes entendiam sobre o assunto. Veremos então os apontamentos realizados pelas professoras.

De acordo com as respostas das professoras 1 e 5, a sexualidade é vista também sob uma visão biológica, isto é, relacionada com a busca de prazer, entretanto a professora 1 faz referência à escola, segundo ela *“relaciona-se a busca de prazer, das descobertas de sentimentos, porém em idade escolar, no contexto em que atuo, não relaciono ao “sexo” propriamente dito, mas às possibilidades de conhecer o próprio corpo, querer bem alguém do sexo oposto e/ou mesmo sexo etc”*. A sexualidade é um assunto que causa constrangimento, tanto por parte de quem ensina como de quem aprende, porém, se fosse tratada com naturalidade, principalmente pel@s professor@s, poderia tornar-se um assunto rotineiro e, assim, as discussões sobre o tema acabariam por se naturalizar, pois nos momentos informais, fora da sala de aula, nas rodinhas de conversas, esse tema geralmente é um assunto presente, pois todos os corpos são constituídos de sexo e sexualidades.

A professora 5 definiu sexualidade como *“busca do prazer, da descoberta, não apenas no sentido sexual. Depende de cada indivíduo, da sua realidade, experiência e relações”*. Conforme a professora 6, *“considera-se sexualidade diversas formas, gestos ou jeitos que as pessoas buscam para obter prazer. É preciso que a criança e adolescente esteja bem seguro sobre a sua sexualidade e ainda bem orientado”*, para a professora 11, *“é quando a pessoa descobre que o corpo te proporciona prazer através das experiências sexuais”*. Todas as docentes relacionaram a sexualidade com prazer, entretanto, a professora 5 afirmou que não se restringe apenas ao sentido sexual, ela aponta as relações entre os indivíduos. É evidente, nas palavras dessa docente, que o significado da sexualidade é entendido de forma mais abrangente, indo pelo mesmo sentido no qual entendemos a sexualidade, como uma construção social, que é influenciada pela cultura, e difere nos tempos históricos.

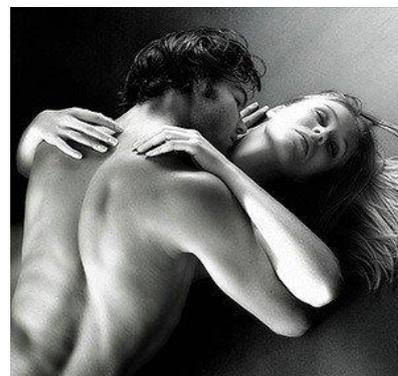
Observando a afirmação da professora 6, quando ela aponta para uma boa orientação pode levar a múltiplas interpretações. Pois, se pensarmos que a escola é uma instituição reguladora, que visa o controle dos corpos e assegura a norma social, a definição da professora pode ser vista como conservadora, onde ela tem a função de orientar e garantir a heteronormatividade. Por outro lado, a docente 6 pode estar abordando a sexualidade em relação aos métodos contraceptivos, onde sua função como educadora é orientar sobre o uso e segurança desses recursos. Além disso, esta professora também pode estar relacionando o tema com a diversidade sexual, discutindo com suas/seus alun@s que a heterossexualidade não é a única forma de vivenciar a sexualidade, visando, com isso, a quebra de barreiras e preconceitos.

Para a professora 11, o conceito de sexualidade está ligado ao corpo, o que mostra a proximidade entre os assuntos, evidenciando a importância da discussão dos temas na escola, esclarecendo que as sexualidades, assim como os corpos, não estão ligadas apenas à visão biologicista, mas encontram-se dentro de uma cultura que faz parte de uma sociedade, e que os fatores que constituem os corpos e as sexualidades não são fixos, e sim mutáveis e flexíveis.

Ribeiro (2008, p. 127-128) destaca que “na escola, a ênfase é tratar a sexualidade pelo viés dos conhecimentos científicos dos sistemas reprodutores e genitalidade – atributos biológicos compartilhados por todos, independentemente de sua história e cultura”. Esse modo de trabalhar a sexualidade dificulta outras formas de pensá-la e, por isso, quando vista a partir da cultura, pode causar incômodos.

A partir dessas considerações, abordamos neste item a importância de discutir essa temática no ambiente escolar. Para isso lançamos mão de algumas imagens que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa/oficina. Dentre as imagens trabalhadas, escolhemos três para analisar mais detalhadamente, dentre elas, a de uma mulher e um homem, a de duas mulheres, e a de dois homens, onde todas fazem menção à intimidade dos casais.

Na primeira imagem apresentada, foi possível visualizar uma mulher e um homem, onde ela encontrava-se deitada, aparentemente sem roupas, e ele deitado sobre ela, este com o dorso a mostra, beijando o pescoço dela. Nas palavras das professoras 2, 3, 1 e 11, respectivamente, esta imagem representava: “*duas pessoas namorando*”; “*sexo*”; “*carinho*”; “*prazer*”.



A segunda imagem visualizada pelas professoras foi de duas mulheres na cama beijando-se, elas estavam uma de frente a outra, e ambas vestidas com camiseta e calcinha. A descrição dessa imagem pelas docentes foi apresentada como “*estranho*” de acordo com a professora 1, “*sexo entre duas mulheres*” conforme a professora 2 e, para a professora 9, como uma “*diferente forma de amar, fuga de padrões pré-estabelecidos.*”

A última imagem analisada pelas docentes foi de dois homens beijando-se, eles estavam um de frente ao outro, e ambos com as camisas abertas. A professora 9 definiu a terceira imagem como “*impetuosidade*”. Ao apresentar sua definição,

argumentou ter pensado na mesma colocação feita para a imagem das mulheres, porém justificou que no caso dos homens “*parece que é uma forma mais agressiva o toque deles, das mulheres parece mais carinhosa, o deles parece mais agressivo, impetuoso*”.

Em relação a sexualidade referente de nossa sociedade, Rogério Diniz Junqueira (2013, p. 66) afirma que



A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de *heterossexualização compulsória* e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as.

As palavras do autor nos mostram o quanto é importante levar a discussão de sexualidade para dentro dos espaços escolares com vistas a romper com os preconceitos, visando uma sociedade mais igualitária.

Após a apresentação de algumas colocações realizadas pelas professoras, e com base no debate ocorrido durante a oficina, podemos fazer algumas reflexões. A primeira imagem pode ser entendida como representação da sexualidade hegemônica, a heterossexualidade. Sendo esta considerada como a norma, sua justificação não pareceu ser necessária. Já na segunda imagem, a professora 1 a registrou como “*estranho*”, visto que foge à norma heterossexual, entretanto, a professora 9 argumentou que o toque das mulheres “*é uma coisa mais carinhosa*”, o que demonstra que, mesmo fora dessa normalidade, pode até ser algo considerado aceitável. Ao contrário, a imagem dos homens foi a que causou mais estranheza entre as docentes, e até “*nojo*” como destacou a professora 4.

Ao analisarem as imagens, as professoras destacaram, por exemplo, na primeira imagem, “*duas pessoas namorando*”, na segunda, “*sexo entre duas mulheres*”, e na outra, “*sexo entre dois homens*”, estas foram as definições da professora 2. Pode-se notar que foi uma definição romântica da primeira imagem, o casal heterossexual, em contrapartida, nas outras duas as palavras usadas foram pontuais, como sexo, que define o ato em si, um desejo carnal, aparentemente sem o romance atribuído à primeira imagem.

Ribeiro (2008, p. 125), ao relatar sobre a dificuldade em discutir a sexualidade de uma forma diferente, afirma que isso requer mudanças, o que torna a discussão, uma tarefa difícil de ser realizada, “*pois os diversos entendimentos de sexualidade são construções produzidas a partir de um dado lugar que se toma como norma ou como verdade*”. A autora complementa

destacando a necessidade de pôr em questão essas normas e verdades, evidenciando assim, as inúmeras possibilidades de pensar, discutir e vivenciar a sexualidade, pois, em diversas culturas, apenas a heterossexualidade é vista como a correta, a verdadeira e única forma de sexualidade.

Berenice Bento (2011, p.552), aponta para as padronizações referentes à heteronormatividade, destacando que

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade.

Como destacou a autora, há um controle em relação à sexualidade, e espaços como a escola, reforçam os padrões sociais heteronormativos estabelecidos histórica e culturalmente. Discutir sexualidade no ambiente escolar provoca incômodos e, por isso, a desconstrução da heterossexualidade se torna difícil. A partir da realização da oficina, tivemos a oportunidade de levar até as docentes os variados marcadores sociais que fazem parte da construção da sexualidade, sendo além do biológico, categorias como cultura, sociedade, tempo histórico, classe, religião, entre outros.

Ao fim da oficina, pedimos que as professoras fizessem um breve relato sobre o que haviam entendido acerca do tema. Com isso, comparamos diferenças e semelhas entre as respostas dadas ao questionário e a síntese da oficina. A maioria das respostas das docentes não demonstraram grandes variações antes e depois do encontro. Algumas professoras, após as discussões, relacionaram o conceito de sexualidade com corpo e gênero, como as professoras 1 e 6. No final das discussões, também levamos uma atividade⁹ para relacionarmos com o tema, exemplificando como as discussões sobre sexualidade podem estar presentes nas atividades realizadas com as crianças. Questionamos se as professoras realizariam uma atividade similar a que levamos, utilizando as imagens para provocar o debate, a maioria das professoras afirmou que não realizaria uma aula em específico acerca dessa questão, entretanto, uma das docentes apontou que esse assunto, e outros similares estão presentes, direta ou indiretamente, quando elas trabalham a questão do respeito com @s alun@s. Assim, percebemos a necessidade de esforços constantes e variados para que a sexualidade realmente passe a ser debatida na escola, pois ela ainda encontra-se escondida em ‘caixas’ que dificilmente são abertas.

⁹ Cristiane Bastos, et al, 2008.

3.3 Terceiro encontro: GÊNERO

Pensar, discutir e analisar as questões de gênero presentes no ambiente escolar pode ser um prato cheio para @s estudios@s do assunto, porém, incluir essa temática nos planos de aula d@s professor@s é uma missão quase impossível. Para iniciarmos as discussões aqui apresentadas, partimos do conceito de gênero destacado por Goellner (2008a), Louro (2002), Nicholson (2000), Scott (1995), onde assim como as autoras, o entendemos como uma construção histórica, social e cultural das características atribuídas aos sexos feminino e masculino. Com base nesse entendimento, iniciaremos a análise dos dados primeiramente como as respostas das professoras dadas ao questionário.

Para a análise referente ao entendimento sobre gênero, assim como os demais temas, reunimos as respostas que mais se aproximavam. A partir de então, iniciamos com as palavras das professoras 11 e 5, destacando o gênero como parte de uma construção, conforme a professora 11, gênero “*é a identidade social dos homens e mulheres. É uma construção ao longo da vida*”, a professora 5 apontou que “*refere-se ao sexo masculino e feminino e as relações entre eles que são construídas socialmente*”. Entretanto, a professora 8 acredita que as pessoas são seres singulares e o gênero está “*relacionado à aquilo que somos como seres humanos desde o nascimento: homens e mulheres. Seres singulares que precisam aprender a se respeitar, em primeiro lugar, como gente.*”

A professora 1, afirmou que gênero vai além do sexo, que “*refere-se às diferenças e semelhanças entre homens e mulheres não somente no que se refere ao sexo, mas também na posição que ocupam na organização cultural, política... da sociedade*”, já a professora 2, foi mais sucinta, apontando que gênero “*é a diferença entre homens e mulheres*”.

Algumas professoras seguiram por outra linha de pensamento quando comparada às demais, como a professora 6, que fez a relação gênero x biologia, contudo, destacou outros pontos sobre o termo gênero, o qual, de acordo com ela, “*tem vários entendimentos, como: são questões relacionadas ao sexo, feminino ou masculino. Aos seres vivos, a biologia, gênero (sociedade), gênero literário (para produção de textos), entre outros.*” A docente 4 foi outra que seguiu um caminho diferente das demais professoras, para ela o gênero “*na escola, entendo que sejamos nós, todos envolvidos com a educação, que buscamos conjuntamente, caminhos para ajudar o ser humano a se desenvolver plenamente*”.

A maioria das respostas das docentes relacionou o gênero como características referentes aos sexos feminino e masculino, entendendo essas características como socialmente

construídas pela cultura, o que vai ao encontro do conceito de gênero presente nos estudos de Goellner (2008a), Dorneles (1997), e d@s demais autor@s que tomamos como suporte para a realização desse trabalho.

Findada a análise dos questionários, passamos para as imagens, onde iniciamos com um índio, todo pintado com um cocar cheio de penas coloridas, com brincos e adornos de penas e vários colares. Escolhemos essa imagem por acreditarmos que é um exemplo visual de como as construções de gênero estão inseridas de diferentes formas nas mais variadas culturas.

A análise das professoras sobre essa imagem remeteu à cultura. Nas palavras das professoras 6, 8, 10 e 11, respectivamente, a imagem foi definida como “*cultura, índio, pintura, cor*”, “*cultura, raízes*”, “*colorido, cultura*” e “*colorida (cultura)*”.



A cor ou o colorido do índio, como vimos nas respostas, é encarado com naturalidade, pois não há nada de extraordinário em ver um índio com pinturas e “*muitos adornos*” como destacou a professora 4. Durante a discussão das respostas, as professoras não se estenderam, elas apenas leram o que haviam descrito sobre a figura.

Ao contrário, a imagem seguinte, de um homem maquiando-se, causou estranhamento entre as docentes. Na imagem, o homem com o cabelo raspado e barba por fazer estava de batom, passando rímel nos cílios. As professoras 6 e 11 a descreveram como “*homem se maquiando*”, e a professora 4 achou “*estranho*”. As professoras 7 e 10 relacionaram a imagem com cuidado/trabalho. Ao contrário, a professora 1, durante o debate, afirmou não ter



pensando na imagem como relacionada ao trabalho, mas a descreveu como “*vaidade*”. A professora 2 apontou a imagem como “*um homem se maquiando*” e, em sua justificativa, ela destacou que apenas descrevia as imagens, que não pensava em nada sobre elas.

Relacionando essa imagem com a do índio, podemos perceber a construção social de gênero, onde se estabelece que na cultura do índio o homem pode se pintar, mas na cultura do ‘homem branco’, apenas as mulheres podem se ‘maquiar’, pois a ‘pintura’ é um marcador social atribuído ao sexo feminino.

A terceira imagem apresentada às professoras foi de vários homens em uma escada, e estes estavam todos de sapato de salto alto. Esta imagem também causou espanto às docentes, de maneira que a professora 6 a definiu como “*homens querendo ser mulher*”. De acordo com a professora 8, que apresentou a imagem como “*diferença de valores, imposição social, quebra*”, durante as discussões esta afirmou “*é tudo quebra, a gente olha assim e sente... é um impacto*”. Após todas as professoras apresentarem suas representações acerca da imagem, explicamos que os homens da figura estavam com aquele tipo de calçado por terem participado de uma manifestação contra a violência sofrida pelas mulheres. A fim de provocar a discussão,



questionamos a opinião das professoras no caso de vir a ser ‘normal’ os homens usarem sapatos de salto alto. A professora 2 respondeu, “*tomara Deus que nunca seja normal, eu acho ridículo*”. A mesma fez menção ao que a mídia apresenta, onde ela relata ter assistido uma notícia sobre a parada gay de São Paulo, onde apareciam homens beijando-se de língua. É evidente o preconceito na fala da docente, que mostra como estão enraizadas as construções padronizadas de corpo, sexualidade e gênero, apontando que a diversidade sexual deve estar entre quatro paredes, assim como, apenas as mulheres devem usar salto alto e se maquiar. Se homens fizerem uso de artefatos que não se encaixam no que foi determinado a eles, suas masculinidades são postas em xeque.

Devido a essa linha tênue que separa os conceitos de gênero e sexualidade, percebemos a importância de realizar discussões com as docentes sobre essas temáticas, pois esses são assuntos que causam incômodos e a escola é uma instituição que reforça normas e padrões. Findada a oficina, nossa esperança é acreditar que as docentes pensem a respeito dos assuntos discutidos, e tentem inserir essas discussões em suas aulas, com o objetivo de minimizar preconceitos, visando uma educação igualitária para tod@s.

Para a conclusão da oficina, pedimos que as professoras fizessem um resumo do que elas haviam entendido sobre o tema gênero, o que serviu para compararmos com as respostas dadas por elas ao questionário, com o intuito de sabermos se a oficina facilitou o entendimento das docentes em relação ao tema.

Apesar de não termos notado nos escritos das professoras uma grande distinção entre as respostas do questionário e a síntese após a oficina, foi possível perceber que no resumo do encontro, a maioria das docentes apontou o gênero como sendo uma construção social, e foi nesse sentido que buscamos trabalhar o tema, onde tomamos como base nosso referencial

teórico para a discussão do assunto. Nos momentos finais da oficina, também sugerimos uma atividade¹⁰ que pudesse ser realizada com @s alun@s com o intuito de discutir essa temática. Questionamos se as docentes realizariam uma atividade semelhante à desenvolvida por nós, com o uso de imagens a fim de abordar o tema em suas aulas. As professoras destacaram que apenas realizariam atividade semelhante caso surgisse um fato que levasse a esse tipo de discussão, caso contrário não, “*porquê como tu vai induzir o assunto se não surgir antes essa questão?*” conforme indagou a professora 4.

Meyer e Soares (2004) apontam para a dificuldade em compreender esse e outros assuntos como não apenas naturais, mas também constituídos de cultura. Assim, destacamos a importância de realizar discussões sobre temas que, a primeira vista, incomodam, como o gênero, pois a escola, como uma instituição que reforça a norma social, é um ambiente onde deveria estar bem claro o entendimento acerca das construções sociais femininas e masculinas, com o objetivo de desconstruir esses padrões, evitando preconceitos e discriminações.

3.4 Quarto encontro: COEDUCAÇÃO

Trabalhar de forma coeducativa, não significa apenas agrupar meninas e meninos e acreditar que uma aula mista está sendo coeducativa. O que realmente deve ser feito é a realização conjunta de todas as atividades das aulas, de modo que tod@s @s alun@s entendam as intensões desse modo de ensino, onde deve ser destacada a importância de tod@s realizarem as atividades propostas conjuntamente, sendo em aula teórica ou atividades realizadas fora das salas de aula, mostrando que não há jogo, esporte, ou conteúdo escolar, assim como ações na sociedade que pertença a um ou outro sexo.

Nas respostas dadas pelas docentes ao questionário, foi possível notar que o entendimento delas sobre o tema é a “*educação em comum entre os sexos*” como destacou a professora 5. A professora 4 complementou apontando que “*entendo como a possibilidade da integração, participação, relações entre os envolvidos em busca da socialização*”.

A professora 6 respondeu que “*é uma educação voltada para meninos e meninas feita em comum, esse modelo domina a maior parte das escolas do Brasil e do mundo*”. Tal afirmação nos leva a olhar para a coeducação apenas como aula mista, sendo que em muitas escolas ainda se mantêm inúmeras práticas, não apenas na educação física, mas em todo o

¹⁰ Juliana Rizza, 2008.

cotidiano escolar, que são delimitadas para meninas ou meninos. A professora 1 acrescenta, afirmando que, além de ser uma educação em conjunto, em comum, é também uma forma de atender as necessidades e desejos de cada ser humano.

A docente 11 foi breve, apontando que é a “*educação que abrange homens e mulheres*”, já para a professora 8, a coeducação exige “*comprometimento e participação na educação do outro. Um processo de interação*”. Para a professora 2, “*é a educação de meninos e meninas feitas simultaneamente.*” A professora 3 relacionou sua resposta com a sociedade em geral e a escolar, apontando que coeducação é a “*consciência como ser, participante de um sistema*”.

Jesus e Devidé (2006) alertam para a dificuldade encontrada em realizar aulas mistas coeducativas, quando @s alun@s estão habituados a realizar aulas em separado. No caso das docentes dos anos iniciais, onde as aulas com as crianças, de modo geral, são realizadas em conjunto, há proximidade ao conceito de coeducação, o que pode facilitar o entendimento acerca do tema.

Após refletirmos sobre as respostas do questionário, formulamos a oficina, e a primeira imagem apresentada às professoras foi de meninas e meninos, junt@s, jogando futebol. Essa imagem foi mostrada com intuito de reafirmar a importância de desenvolver atividades com as crianças em conjunto, mostrando para @s alun@s que est@s devem ter igual oportunidade de experienciar as mais variadas práticas de movimentos, nesse caso, as meninas jogam futebol com os meninos, ressaltando que tod@ podem aprender junt@s, os esportes e outras práticas corporais, como a dança.



Ao analisar a imagem, as professoras 5 e 6 a definiram como sendo “*interação*”, a professora 9 a descreveu como “*interação, integração*”, porque, segundo ela, “*parece ter meninos e meninas*”. As demais docentes fizeram menção ao jogo ou futebol, como por exemplo, a professora 11 apontou “*futebol para meninos e meninas*”, e as professoras 1 e 4, respectivamente, “*jogo/brincadeira*” e “*futebol*”. A professora 7 definiu a imagem como “*jogos de equipe, aprendizagem do trabalho/dinâmica em grupo*”. Para a professora 2, a imagem representava “*crianças fazendo uma atividade física*”, e para a professora 3 era “*disputa, cooperação*”. A professora 8 definiu a imagem de forma diferenciada, quando relacionada às demais docentes, ela a apontou como “*opção – rompendo rótulos, estigmas*”. Durante o debate, a professora 7 afirmou que “*eles gostam de jogar futebol*”. Nesse momento

destacamos que tod@s devem ter acesso às mais variadas formas de atividades, as meninas podem aprender a jogar futebol, e os meninos devem respeitar as meninas e os outros meninos que talvez tenham menos habilidade no jogo, reforçando, assim, o respeito entre colegas, o que leva ao desenvolvimento das aulas com vistas a uma educação coeducativa.

No decorrer das discussões, a professora 7 afirmou que os jogos em equipe são muito bons para trabalhar a questão do respeito, relatando sobre uma aula, *“fiz uma tentativa de vôlei no 1º ano e foi bem interessante sabe, dividi quadras e tudo, mas é claro, era vôlei assim né... mas era quicando a bola mas foi bem interessante, eles respeitaram, não dá pra estimular a disputa e competição, o vencedor, mas o fato deles aprenderem, tocar a bola dar o passe pro colega”*. Brevemente conversamos sobre a competição nas aulas de educação física, pois há quem goste de jogos competitivos e quem não goste, apontamos para esse aspecto de forma que a competição pode servir para ensinar valores, saber perder e saber ganhar. Não é sempre que ganharemos, e para muitas crianças é importante trabalhar com a aceitação de algumas derrotas, principalmente na escola e nas aulas de educação física, pois, em muitos casos, os jogos competitivos acabam gerando brigas. A cooperação também é um dos valores que podem ser aprendidos durante as competições envolvendo jogos coletivos, pois é jogando cooperativamente que se constroem vitórias, uma pessoa sozinha não pode jogar em todas as posições ao mesmo tempo, por isso cada alun@ deve respeitar o lugar d@ outro@, trabalhando junto para o alcance de conquistas.

A segunda imagem apresentada foi a de uma bailarina em um campo de futebol, junto a uma bola, ela vestia roupas de balé, meias e chuteira de futebol. Justificamos o uso desta imagem, pelo fato dela representar a dualidade dança e esporte, onde ocorre, muitas vezes, que meninas fazem aulas de balé, e meninos de futebol, assim, explicitamos a importância de não realizar esse tipo de divisão, já que tod@s devem ter acesso a todas as atividades propostas nas aulas. A



A professora 9 definiu a imagem como *“suavidade”*, ao justificar sua resposta, ela afirmou que *“foi a primeira coisa que veio à cabeça”*. Para a professora 11, nessa imagem a *“menina quer dançar e jogar futebol”*. A professora 7 apontou a *“solidão da bailarina em contradição com a dinâmica e complexidade dos jogos de equipe”*. De acordo com as professoras 3 e 4, a imagem representava, respectivamente, *“habilidades”* e *“equilíbrio”*. A professora 1 apresentou a imagem como *“movimento/concentração”*. Percebe-se uma economia nas

descrições realizadas por algumas docentes, onde a reflexão acerca da coeducação não se faz presente.

As professoras 2 e 5 defiram como “*uma pessoa “bailarina” em um campo de futebol*” e uma “*menina “bailarina” que também joga futebol, não há interação*”. A professora 5, ao analisar todas as imagens, fez uma espécie de classificação para cada uma, apontando quando há ou não interação. Ambas as docentes descreveram suas definições utilizando a palavra bailarina entre aspas, talvez pelo fato de a menina estar em um campo de futebol, vestindo uma roupa vista como não apropriada para o local em que ela se encontrava. Para a professora 6, a imagem representava “*encenação*”, o que nos leva a pensar que essa definição se justifique pelo mesmo motivo da utilização das aspas nas respostas das professoras 2 e 5, onde a menina, por estar com roupas de balé e realizando um movimento da dança, e não do esporte, deveria estar, por exemplo, em um teatro ao invés de um campo de futebol.

A professora 8, comparada com as demais docentes, seguiu outra linha de pensamento em sua definição, porém, pouco se pronunciou durante as discussões de cada imagem. Para a ilustração da bailarina, a professora destacou que “*a mulher na sociedade pode e deve assumir trabalhos, comportamentos que correspondam tanto à sensibilidade feminina como à masculinidade*”. Tal afirmação pode ser entendida também sob o ponto de vista da coeducação, sendo que, para assumir trabalhos e comportamentos correspondentes tanto à feminilidade quanto à masculinidade, as crianças devem ser incentivadas a participar das mais variadas atividades, sendo função da escola proporcionar a meninas e meninos uma educação coeducativa, possibilitando vivências que não reafirmem uma divisão por sexo.

As docentes não se prolongaram no debate desta imagem, talvez por ela ser vista com uma certa normalidade, já que a menina está com roupas de balé, apesar de estar em um campo de futebol usando chuteiras, sendo considerado que as meninas podem desfrutar deste esporte, desde que fique em destaque sua feminilidade. Ressaltamos também, a importância de ensinar tanto os esportes, como a dança, reforçando que a educação física é disciplina obrigatória na educação básica, e tod@s devem ter acesso às mais variadas formas de movimento.

A terceira imagem apresentada foi a de um homem, ele usava em um dos pés uma sapatilha de balé, e estava em pé equilibrando-se na ponta da sapatilha. No outro pé, que se encontrava estendido próximo à cabeça, ele usava uma chuteira de futebol, nas mãos, luvas de



boxe. A intenção de trazer essa imagem foi mostrar que todas as pessoas podem vivenciar as mais diversas práticas corporais, sem rotulá-las como sendo apenas para meninas ou para meninos. Na imagem, o homem pode ser interpretado como bailarino, pugilista, jogador de futebol.

Durante as discussões, a maioria das professoras relatou não ter percebido que o homem estava usando uma sapatilha de balé, entretanto, a professora 9 comentou que na imagem o homem parecia estar fazendo o movimento de um golpe de taekwondo, a professora 2 descreveu a figura como “*um homem se exercitando para uma luta*”, e a professora 8 analisou como um “*esporte que expressa força e a masculinidade do homem*”. Já a professora 3 descreveu a imagem como “*diferentes habilidades*”. Para a professora 11, a imagem mostrava um “*homem praticando esporte*”. Esse olhar apresentado pelas professoras, primeiramente sem terem percebido a sapatilha de balé e, em seguida, afirmando a presença da luta e do esporte, demonstra um pensamento já fixado acerca das representações do que vem a ser masculino.

As demais docentes foram muito breves em suas respostas, como podemos observar, as professoras 6, 7, 1 e 4 definiram a imagem, respectivamente, como “*equilíbrio*”, “*flexibilidade*”, “*concentração*”, e “*habilidade*”. A professora 5 respondeu “*treino individual*”, e a professora 9 apontou como “*extravasamento*”. Assim como ocorreu na imagem anterior, da bailarina, as respostas aqui apresentadas não foram relacionadas com a coeducação.

Analisando as respostas da professora 11 para a imagem da bailarina e a do homem, a docente destacou a vontade da menina em querer dançar e jogar futebol, e definiu o homem como praticante de esporte, o que nos leva a pensar que a menina não está praticando esportes, ela tem apenas o desejo de praticar, enquanto que o homem já é praticante. Tal pensamento reflete a ideia, até então discutida, sobre as práticas estereotipadas como femininas ou masculinas, e o que se espera para meninas e para meninos, como apontam Sousa e Altmann (1999) ao destacarem sobre a generificação do esporte.

Ao final do encontro, pedimos que as professoras escrevessem uma breve definição do que haviam entendido sobre o tema, para que, então, pudéssemos analisar se o debate havia contribuído efetivamente para o entendimento das docentes, e se este havia mudado quando comparado com as respostas dadas no questionário. Para fechar o diálogo, indicamos uma

atividade¹¹ que pudesse ser relacionada ao assunto, como maneira de debater a coeducação de forma explícita com @s alun@s.

Relacionando as respostas iniciais, dadas ao questionário, com as finais, da síntese da oficina, podemos dizer que após a oficina, a maioria das docentes sintetizou coeducação como a educação em conjunto de meninas e meninos, semelhante ao que haviam escrito no questionário. Algumas professoras focaram na integração e socialização das crianças.

Saraiva (2005) alerta que surgirão dificuldades, porém, é no decorrer do tempo que estas serão resolvidas. É com base nesta autora que destacamos a importância em não deixar de realizar aulas coeducativas, principalmente as de educação física, para isso se faz necessário o enfrentamento de barreiras para que os objetivos finais possam ser alcançados com êxito.

3.5 Formação e Atuação Profissional

Neste item trataremos sobre as duas últimas questões do questionário, que se referem à formação e à atuação das docentes, indagando se os temas corpo, gênero, sexualidade e coeducação estiveram presentes no período de formação, e se há dificuldades em abordar esses assuntos na prática pedagógica diária.

Com relação à pergunta acerca da formação, a maioria das docentes destacou que grande parte dos temas esteve presente, por mais que tivessem sido tratados de forma não aprofundada através de oficinas, palestras e cursos. A professora 5 afirmou que “*nunca relacionado com a educação física. Gênero e sexualidade estiveram presente nas aulas de psicologia da educação*”. Apenas a professora 8 respondeu “*não*” à pergunta, sendo direta e sem maiores detalhes.

Junqueira (2013, p. 65) aponta para o currículo como constituinte de um “artefato político e uma produção cultural e discursiva”. O autor esclarece que o currículo está relacionado à produção sócio histórica de poder, estabelecendo regras e padrões de verdade, bem como da seleção, organização, hierarquização e avaliação do que é definido como conhecimento ou conteúdo escolar. Com base nessas palavras, acreditamos que as discussões que abordam temas como corpo, gênero e sexualidade, não podem estar inseridas na escola como um evento que ocorre anualmente, mas sim, permear a grade curricular que dá suporte

¹¹ Vivia Rosa, et al., 2008.

aos conteúdos da escola, garantindo-se assim, que tais assuntos se façam presentes em toda educação básica.

A última questão foi sobre a dificuldade em abordar os temas durante as aulas, sendo que, das oito docentes que responderam o questionário, apenas a professora 3 apontou “nenhuma”, sendo sucinta em sua escrita. Todas as demais participantes afirmaram ter dificuldade devido à formação não ter abarcado essas discussões de forma aprofundada. A professora 1 destacou que *“devido minha formação não ter abarcado tais temas em profundidade sinto dificuldades de abordar temas que não domino. De certa forma, acredito que acabo não contemplando o que pesquisas e estudos propõem como teoria e prática de gênero, corpo, sexualidade e coeducação nas aulas de educação física. Espero que essa possibilidade ofertada pela acadêmica contribua para a (re)construção de saberes e fazeres acerca dos temas propostos”*.

Saraiva (2005) aponta a dificuldade em trabalhar a coeducação em aulas de educação física, destacamos aqui a dificuldade deste método de ensino chegar a outras áreas do conhecimento, além da educação física. As docentes que participaram da pesquisa possuem formação em pedagogia, o que lhes permite desenvolver seu trabalho abordando todas as disciplinas da educação básica, incluindo a educação física, no entanto, como destacou a professora 1, *“coeducação é um tema que nunca estudei, apenas fiz algumas leituras superficiais”*.

CONCLUSÃO

Apesar de reconhecermos socialmente que o corpo é tema da Educação Física, a realidade mostra que o debate sobre o corpo ainda é um tema incomum na Educação Física escolar. A problematização do corpo ainda não foi reconhecida como algo visceral para as aulas de Educação Física na escola. Ensinar apenas esportes e jogos ainda é, frequentemente, o limite do seu papel. (ISSE, 2011, p.232 - 233)

Assuntos como corpo, sexualidade, gênero e coeducação estão presentes não apenas nas aulas de educação física escolar, mas também nas demais disciplinas, na escola como um todo e nos mais variados contextos sociais. Por isso se faz de muita importância trazer esses temas para serem discutidos dentro das salas de aula.

A maioria das professoras se mostrou conservadora durante o debate dos temas, reafirmando os marcadores sociais que correspondem a um ou outro sexo. Historicamente construiu-se que os homens deveriam ser fortes, e esbanjar virilidade, e assim deveria ser para sempre, caso contrário suas masculinidades acabariam sendo questionadas. As mulheres

também passaram por essa construção histórica, elas deveriam ser frágeis e meigas, se a mulher não demonstrasse tais características ditas femininas e, se ainda manifestasse interesse por esportes, era questionado seu grau de feminilidade, e ela poderia ser apontada como não sendo tão mulher quanto às demais.

Pode-se notar que algumas professoras são mais receptivas para debater esses assuntos, porém, essa receptividade não significa a quebra total de preconceitos, nem mesmo que essas professoras irão conseguir realizar discussões sobre corpo, gênero, sexualidade e coeducação em sala de aula. Existe ainda o medo em ir de encontro às maiorias (colegas de profissão, pais, mães, a sociedade, tudo e tod@s construíd@s por uma cultura conservadora), que nem sempre apresentam grande abertura para pensar, discutir e aceitar as mudanças que vem ocorrendo.

Em decorrência da utilização de poucas palavras, tanto nas respostas do questionário como na síntese de cada oficina, e a participação de certa forma contida, durante o debate, nossa leitura sobre o entendimento das docentes em relação aos temas acabou não sendo facilitada. A frequência esporádica de algumas professoras nos encontros também pode ter sido um fator que contribuiu para a pouca participação nas discussões, pois um assunto estava diretamente relacionado ao outro.

Abordar temas como corpo, sexualidade e gênero, muitas vezes pode causar incômodo, não sendo tarefa fácil sua inserção no ambiente escolar, ambiente este em que é preferível a comodidade ao conflito direto ou indireto com diretor@s, alun@s e até mesmo com mães e pais. Segundo Louro (2011, p.85), “a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão”. Isso pôde ser observado quando algumas docentes apontaram que as discussões dos temas se tornariam presentes nas salas de aula apenas em decorrência de uma eventual necessidade, caso contrário não caberia a elas discutir tais assuntos no decorrer das aulas.

Assim, nossa tentativa com o desenvolvimento deste trabalho foi de levar as discussões de corpo, sexualidade, gênero e coeducação até as professoras, com intuito de fazer com que os temas cheguem até as alunas e os alunos, visando uma educação e uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003
- ALVARENGA, L. F. C; DAL IGNA, M. C. Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas? In: Meyer e Soares. **Corpo, gênero e sexualidade**. 2004.
- BASTOS, C. S; RIBEIRO, P. R. C; QUADRADO, R. P; SILVA, F. F. Faz de conta...de volta à barriga da mamãe. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, F. F; MAGALHÃES, J. C; QUADRADO, R. P. **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia.... Rio Grande: Editora da FURG, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Educação Física/ Secretaria da Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, p.24. 96p. 1997.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.
- COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. **Educação Física pela ótica da pedagogia da diferença**. Curitiba: PPGE/UFPR, 2008.
- COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan. 2002.
- CRUZ, M. M. S; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na educação física escolar. **Motriz**. Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em 'antas'. In: ROMERO, E (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.
- DORNELLES, P. **Distintos destinos?: a separação entre meninos e meninas nas educação física escolar na perspectiva de gênero**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- FIGUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. Os lugares e saberes dos corpos na escola (p.133 – 141). In: FILIPOUSKI, A. M. R.; MARCHI, D. M.; SCHÄFFER,(organizadoras). **Teorias e fazeres na escolar em mudança**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS / Núcleo de Integração Universidade & Escola da PROEXT/UFRGS, 2005.
- FINCO. D. Representações de gênero em brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, v. 14, n. 3 (42) -set./dez. 2003.
- FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: Louro, G. L; Felipe, J; Goellner, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GOELLNER, S; FIGUEIRA, M. L M; JAEGER, A. A. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da educação física escolar. In Ribeiro, P. R. C; Silva, F.

F; Magalhães, J. C; Quadrado, R. P. **Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia...** Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

GOELLNER, S. Gênero. In: González, F; Fenstreseifer, P. **Dicionário crítico de Educação Física.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2008a. 2ed.

_____. A produção cultura do corpo. In: Louro, G. L; Felipe, J; Goellner, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

_____. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

ISSE, S. F. Aula de educação física não é lugar de estudar o corpo ?! **Movimento** Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 225-237, abr/jun de 2011.

JAEGER, A. A. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, S; JAEGER, A. A. **Garimpando memória: esporte, educação física, lazer e dança.** Porto Alegre: editora da UFRGS, 2007.

JESUS, M. L; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento** Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia de armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC-Rio** nº 10, p. 64-83, 2012.

Disponível em

http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0

Acesso em 12 de julho de 2013.

LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 12ª ed 2011.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: Louro, G. L; Felipe, J; Goellner, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: Adelman, M; Silvestrin, C. B. **Coletânea gênero plural.** Curitiba: Ed. UFPR. 2002.

MAGALHÃES, J. C. Discutindo pedagogias culturais e representações de gênero. In: Ribeiro, P. R. C; Silva, F. F; Magalhães, J. C; Quadrado, R. P. **Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia...** Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

MEYER. D; SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: Meyer, D; Soares, R. **Corpo, gênero e sexualidade.** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.8, n.2, p, 9 – 42, jul./dez., 2000.

QUADRADO, R. P; NUNES, M. T. O; SILVA, K. D. S. Afinal, Que Corpo É Esses? In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, F. F; MAGALHÃES, J. C; QUADRADO, R. P. **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia.... Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

RIBEIRO, P. R. C. (Re) pensando outras possibilidades de discutir a sexualidade na escola. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, F. F; MAGALHÃES, J. C; QUADRADO, R. P. **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia.... Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

RIZZA, J, L. Homens no volante e mulheres na cozinha: problematizando as atribuições dos gêneros. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, F. F; MAGALHÃES, J. C; QUADRADO, R. P. **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia.... Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

ROSA, V. T; MAGALHÃES, J. C; SILVA, F. F; NUNES, M. T. O. Do que gosto de brincar. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, F. F; MAGALHÃES, J. C; QUADRADO, R. P. **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia.... Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

SANTIAGO, M. G. **Educação física e as relações de gênero no ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal de Santa Maria. 2011.

SARIAVA, M. C. **Co-educação física e esporte**: quando a diferença é mito. Ijuí: Ed. Inijui, 2005. 2ed.

SILVA, B. O; RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 521-533, maio-agosto/2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**: UFRGS, v.20, n.2, jul/dez. 1995.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Campinas: **Cadernos Cedes**, n. 48, p. 52-68, 1999.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

VIDIELLA, J.; HERRAIZ, F.; HERNÁNDEZ, F.; SANCHO, J. M. Masculinidad hegemónica, deporte y actividad física. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 93 – 115, outubro/dezembro de 2010.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

APÊNDICES

Apêndice A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a):

Sou aluna do curso de Pós-graduação *latu sensus* do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria e estou realizando uma pesquisa para o Projeto de Monografia, que tem como objetivo problematizar as representações de corpo, gênero, sexualidade e co-educação nas aulas de educação física junto às docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola estadual de Santa Maria.

Para realizar esta pesquisa, primeiramente, busco através do questionário que segue em anexo, fazer um levantamento sobre o conhecimento das/os docentes sobre os temas da pesquisa. Dessa forma, solicitei que a direção/coordenação da escola entrasse em contato com os/as demais colegas para saber das suas disponibilidades em participar desta pesquisa.

Como recurso metodológico, será utilizado um gravador para registrar os debates que constituem os dados da pesquisa. As gravações serão transcritas, e posteriormente, aprovadas pelas participantes da pesquisa, para em seguida servir como material do trabalho.

Abaixo, segue o termo de consentimento que permite a utilização das informações do questionário e gravações da pesquisa. **Vale ressaltar, que não haverá identificação dos nomes dos/as participantes da pesquisa e nem de sua escola.**

Pelo presente termo de consentimento declaro que fui informado (a) de forma clara e livre de qualquer constrangimento ou coerção dos objetivos, da justificativa e da utilização das informações mencionadas no questionário e nas gravações. Fui igualmente informado (a):

1. Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a pesquisa.
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de ter minhas respostas ao questionário e gravações como informações desta pesquisa.
3. Da segurança de que não serei identificado (a) e que se manterá o caráter confidencial e anônimo das informações. Assim, as informações e resultado desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos/as participantes ou da escola em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.
4. Da ausência de custos pessoais.

A pesquisadora responsável por esse projeto de pesquisa é a especializanda Mariani Guedes Santiago (91296485), orientada pela Prof^a. Dr^a. Angelita Alice Jaeger (3220-8874). Sugerimos que anote estes telefones, para o caso de ter alguma dúvida ou se desejar algum esclarecimento adicional, antes ou depois de respondidas as questões.

Santa Maria, ____/____/2012.

Nome do/a participante da pesquisa: _____

Assinatura do/a participante da pesquisa: _____

Apêndice B**QUESTIONÁRIO**

1 - Qual o seu entendimento sobre:

a – Gênero:

b – Corpo:

c – Sexualidade:

d – Coeducação:

2 - Durante sua formação esses assuntos estiveram presentes? De que maneira?

3 - Quais as dificuldades em abordar esses temas na atuação profissional, em especial, nas aulas de educação física?

ANEXOS

Referências Imagens Corpo

Imagem 1



<http://www.grupoescolar.com/pesquisa/sistema-muscular.html> Acesso em março de 2012.

Imagem 2



<http://cliquedicas.blogspot.com.br/2009/05/as-mulheres-mais-fortes-do-mundo-de.html>
Acesso em março de 2012.

Imagem 3



<http://listaodacidade.files.wordpress.com/2010/08/fisio.jpg> Acesso em março de 2012.

Imagem 4



http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=f3IViXWoDfwTrM:&imgrefurl=http://sofia-educarcomcarinho.blogspot.com/2010/07/quais-as-causas-da-obesidade-infantil.html&docid=XVmdWixIOSHUaM&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/_wgmq06XdAOQ/SI6EfaayUHI/AAAAAAAAAYk/6koPxIUoZz0/s1600/Obesidade%252BInfantil.jpg&w=298&h=398&ei=wX_tUITWD4-M0QHHgYHoCQ&zoom=1&iact=hc&vpx=129&vpy=97&dur=867&hovh=260&hovw=194&tx=113&ty=122&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=145&tbnw=109&start=0&ndsp=27&ved=1t:429,r:1,s:0,i:88 Acesso em março de 2012.

Imagem 5



http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=HBT1KI2RxL2hEM:&imgrefurl=http://sindromedeestocolmo.com/category/ana-e-mia-anorexia-bulimia/page/3/&docid=KhaovJPnGacJ6M&imgurl=http://www.sindromedeestocolmo.com/fotos/anorexia_2.jpg&w=305&h=248&ei=u4ntUMfyMOLC0QHRloGwDw&zoom=1&iact=hc&vpx=4&vpy=208&dur=490&hovh=198&hovw=244&tx=106&ty=79&sig=101852269546917366030&page=4&tbnh=129&tbnw=177&start=87&ndsp=30&ved=1t:429,r:94,s:0,i:372 Acesso em março de 2012.

Imagem 6



http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=6EU_UZnIWWMWkM:&imgrefurl=http://nadaalemdegartotas.blogspot.com/2011/11/bulimia-e-anorexia-ser-magra-nao-esta.html&docid=ftIOrmhSsUW2aM&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/_IJcD_Jap0pc/TM2a8LZYTRI/AAAAAAAAIY/CXjca9QmEPw/s1600/anorexia_tambem_afeta_o_universo_masculino.jpg&w=443&h=400&ei=u4ntUMfyMOLC0QHRloGwDw&zoom=1&iact=hc&vpx=161&vpy=123&dur=8915&hovh=213&hovw=236&tx=130&ty=109&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=150&tbnw=165&start=0&ndsp=22&ved=1t:429,r:1,s:0,i:88 Acesso em março de 2012.

Imagem 7



<http://www.modismonet.com/2011/01/lea-t-vai-desfilar-no-spfw/>
Acesso em março de 2012.

Imagem 8



http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&client=firefox-a&sa=N&tbo=d&rls=org.mozilla:pt-BR:official&biw=1280&bih=658&tbm=isch&tbnid=cLkABELXDjQ9XM:&imgrefurl=http://www.laislabonita.com.br/2012/03/modelos-e-androginos.html&docid=NaCqn_phIYRF2M&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/-2OjP4GtgIWQ/T2jIdLXCT7I/AAAAAAAAAHrQ/qHB_r2sKgf5k/s1600/androgeno.png&w=954&h=630&ei=QrXsUKXwJ47W0gHxtICADg&zoom=1&iact=hc&vpx=886&vpy=188&dur=759&hovh=182&hovw=276&tx=138&ty=96&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=140&tbnw=215&start=0&ndsp=22&ved=1t:429,r:5,s:0,i:105 Acesso em março de 2012.

Imagem 9



<http://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-royalty-free-menina-de-emo-com-perfura%C3%A7%C3%B5es-e-franja-image10502938>
Acesso em março de 2012.

Imagem 10



http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isc&tbnid=NsdMicecF8irGM:&imgrefurl=http://renataswift.blogspot.com/2011_08_01_archive.html&docid=OU0CmAaWe9xHnM&imgurl=http://2.bp.blogspot.com/_6nsnKEqMZHo/TkUpRIgoEwI/AAAAAAAAAC0/52NjmPPkUDI/s1600/corte-de-cabelo-estilo-emo.jpg&w=504&h=378&ei=NYvtUO2fKem_0AH44IGYCw&zoom=1&iact=hc&vpx=879&vpy=366&dur=1954&hovh=194&hovw=259&tx=120&ty=119&sig=101852269546917366030&page=2&tbnh=150&tbnw=208&start=25&ndsp=31&ved=1t:429,r:47,s:0,i:231 Acesso em março de 2012.

Imagem 11



<http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isc&tbnid=DAJQIRwAAHtBWM:&imgrefurl=http://froog.com.br/banda-restart/&docid=JmKmPmSc9AkRyM&imgurl=http://froog.com.br/wp-content/uploads/2010/03/banda-restart.jpg&w=448&h=300&ei=eYztUNv0OMa00AHwjoHACw&zoom=1&iact=hc&vpx=12&vpy=335&dur=790&hovh=139&hovw=202&tx=123&ty=89&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=139&tbnw=202&start=0&ndsp=18&ved=1t:429,r:6,s:0,i:182> Acesso em março de 2012.

Imagem 12



<http://emolandya.blogspot.com.br/2010/12/oloridos-nao-sao-emos.html> Acesso em março de 2012.

Referências Imagens Sexualidade

Imagem 1



<http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=Ya8ajmVALjKxWM:&imgrefurl=http://mahavictoria.wordpress.com/2011/04/12/os-segredos-do-sexo-com-prazer/&docid=xvDm-AJgIPq3kM&imgurl=http://mahavictoria.files.wordpress.com/2011/04/prazer21.jpg&w=300&h=300&ei=PartUJSmB6nf0gGPwoHoAg&zoom=1&iact=hc&vpx=836&vpy=151&dur=326&hovh=225&hovw=225&tx=110&ty=124&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=147&tbnw=152&start=0&ndsp=20&ved=1t:429,r:5,s:0,i:114> Acesso em março de 2012.

Imagem 2



http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=x88IT_FxMR8j7M:&imgrefurl=http://elaseunomeio.blogspot.com/2010_06_01_archive.html&docid=iG80rYNPsLaOOM&imgurl=http://1.bp.blogspot.com/_FHUjrjTaWMM/TAlDyiuE7I/AAAAAAAAABEI/11FebNOILPU/s400/L%2525C3%252589SBICAS%2525BAMOR.jpg&w=244&h=320&ei=iqvtULIPwsnRAd_DgcgN&zoom=1&iact=hc&vpx=1044&vpy=97&dur=11024&hovh=256&hovw=195&tx=121&ty=130&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=142&tbnw=103&start=0&ndsp=28&ved=1t:429,r:6,s:0,i:103 Acesso em março de 2012.

Imagem 3



http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=yYT9vWaDNXJmyM:&imgrefurl=http://jempreconceitos.blogspot.com/2010/09/disfuncao-genetica-ou-psicologica.html&docid=TacAyUot5DbidM&imgurl=http://1.bp.blogspot.com/_6M1k9FC_TSU/TI_u8a9OT4I/AAAAAAAAABU/qz2FcUIJ--A/s1600/gays188xk.jpg&w=276&h=320&ei=D63tUPLdGqnr0QG3pICIAg&zoom=1&iact=hc&vpx=4&vpy=277&dur=1647&hovh=242&hovw=208&tx=79&ty=120&sig=101852269546917366030&page=2&tbnh=136&tbnw=117&start=29&ndsp=27&ved=1t:429,r:49,s:0,i:237 Acesso em março de 2012.

Imagem 4



<http://www.google.com.br/imgres?start=93&um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=46hUyV12Tfei4M:&imgrefurl=http://bastidorescomtina.wordpress.com/2011/02/08/globo-se-decepciona-por-ariadna-nao-retornar-ao-bbb/&docid=-2v2hT839BfHzM&imgurl=http://bastidorescomtina.files.wordpress.com/2011/02/ariadna-bbb-11.jpg&w=300&h=400&ei=m63tUK6vGYPn0gHkiIH4CA&zoom=1&iact=hc&vpx=761&vpy=286&dur=654&hovh=259&hovw=194&tx=107&ty=187&sig=101852269546917366030&page=5&tbnh=140&tbnw=99&ndsp=31&ved=1t:429,r:9,s:100,i:31> Acesso em março de 2012.

Imagem 5



http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=XgoWZxLk4eq6YM:&imgrefurl=http://jampaonline.blogspot.com/2012/04/tammy-gretchen-causa-polemica-na-globo.html&docid=dczIavVaBMRNOM&imgurl=http://1.bp.blogspot.com/-y8KKqDG5cr0/T4XzARvBagI/AAAAAAAAAClw/h_f14_H5R5E/s1600/gg.jpg&w=290&h=290&ei=a3tUKqXMclJ0QHfw4HIDQ&zoom=1&iact=hc&vpx=1014&vpy=157&dur=84&hovh=225&hovw=225&tx=180&ty=118&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=144&tbnw=143&start=0&ndsp=20&ved=1t:429,r:6,s:0,i:104 Acesso em março de 2012.

Imagem 6



http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=njfla_pIOqOXtM:&imgrefurl=http://www.insoonia.com/nasce-2%25C2%25BA-filho-do-homem-gravido/&docid=E8oYV3BEHfInJM&imgurl=http://www.insoonia.com/wp-content/uploads/2009/06/homemgravido.jpg&w=500&h=750&ei=767tUOfJ9OH0QGN3IGQCg&zoom=1&iact=hc&vpx=137&vpy=123&dur=2711&hovh=275&hovw=183&tx=106&ty=151&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=141&tbnw=86&start=0&ndsp=20&ved=1t:429,r:1,s:0,i:115 Acesso em março de 2012.

Imagem 7



http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&tbo=d&biw=1280&bih=658&tbn=isch&tbnid=Qmk9YGuYu46uHM:&imgrefurl=http://babyblogbr.com.br/os-segredos-para-criar-meninos-e-meninas/&docid=7Ada5B6SLWqEGM&imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_WmNvP_Eca7A/TSSLx-n3jFI/AAAAAAAAANc/zlnWUCRdpPM/s1600/ilust-ra%252525C3%252525A7%252525C3%252525A3o.jpg&w=535&h=335&ei=TbHtUKjKMOXW0gHzgoCIBQ&zoom=1&iact=hc&vpx=4&vpy=135&dur=2162&hovh=178&hovw=284&tx=129&ty=84&sig=101852269546917366030&page=1&tbnh=139&tbnw=222&start=0&ndsp=25&ved=1t:429,r:0,s:0,i:85 Acesso em

março de 2012.

Referências Imagens Gênero

Imagem 1



<http://vida-de-indio.blogspot.com.br/2013/04/diferente-da-cabeca-oca-e-oca.html> Acesso em março de 2012.

Imagem 2



<http://makeyeah.files.wordpress.com/2010/07/makeup-for-men-3502.jpg> Acesso em março de 2012.

Imagem 3



<http://omatiense.com/wp-content/uploads/2011/04/salto.jpg> Acesso em março de 2012.

Imagem 4



<http://pessoas.hsw.uol.com.br/homem-de-saia.htm> Acesso em março de 2012.

Imagem 5



<http://blogdaanasheila.blogspot.com.br/2012/03/futebol-feminino-uma-realidade-e.html> Acesso em março de 2012.

Imagem 6



<http://www.netvasco.com.br/news/noticias16/arquivos/20110110-1858-1-marta-recebe-o-premio-da-fifa-pela-5-vez.jpg> Acesso em março de 2012.

Imagem 7



<http://soadolescenteentende.blogspot.com.br/> Acesso em março de 2012.

Imagem 8



<http://menisqueandamdesk8.blogspot.com.br/> Acesso em março de 2012.

Imagem 9



http://balletloveforever.blogspot.com.br/2011_07_01_archive.html
Acesso em março de 2012.

Imagem 10



http://4.bp.blogspot.com/_S5biQpjF69Y/TU4Mqn9OsOI/AAAAAAAAAX8/rMoigrdYFFg/s1600/Menina+de+Ouro.jpg Acesso em março de 2012.

Referências Imagens Coeducação

Imagem 1



<http://compostura.files.wordpress.com/2010/01/criancas-brincando-grande3.jpg> Acesso em março de 2012.

Imagem 2



<http://www.copavi.com.br/novo/arquivos/fotos/9720/medium/Futebol%20Misto%20Pr%C3%A9-alfa%20e%201%C2%B0%20ano%206x1%20Azul%20%2811%29.JPG> Acesso em março de 2012.

Imagem 3



<http://umdiariodeballet.blogspot.com.br/2012/07/bailarinas-em-campo.html> Acesso em março de 2012.

Imagem 4



<http://fiasraffy.blogspot.com.br/2012/01/homens-no-ballet-viva-aos-bailarinos-e.html> Acesso em março de 2012.